

TENSÕES ENTRE A RUPTURA E A ASSIMILAÇÃO: DISPUTAS DE SENTIDOS NAS AVALIAÇÕES SOBRE A IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

**BETWEEN RUPTURE AND ASSIMILATION: DISCURSIVE STRUGGLES IN REVIEWS OF THE
IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA**

Dilermando Moraes Costa¹
<https://orcid.org/0000-0002-8675-7017>



RESUMO

Este artigo analisa as avaliações publicadas na página oficial do Facebook da Igreja Cristã Contemporânea (ICC): denominação evangélica que, ao introduzir a diversidade sexual e de gênero no cristianismo, é conhecida como uma igreja inclusiva. As avaliações analisadas são tomadas como materialidades discursivas nas quais se observa uma disputa de sentidos acerca da legitimidade da ICC. Fundamentado na Análise do Discurso Materialista, em diálogo com os Estudos Queer, este trabalho investiga a produção de discursos sobre a ICC por meio da identificação das formações discursivas em tensionamento e da saturação de determinantes discursivos em itens lexicais referentes à igreja. A partir da análise, discutimos os posicionamentos que a) sustentam modelos religiosos tradicionais ao desqualificar a ICC; b) defendem a legitimidade da ICC, mas silenciam questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero; e c) desafiam a hegemonia cisheteropatriarcal ao legitimar a inclusão de sujeitos LGBT+ no cristianismo evangélico. Este estudo, portanto, evidencia a tensão em torno do determinante discursivo “inclusiva”. Esta investigação pode contribuir para fortalecer os debates acerca das religiões cristãs no que concerne às diversidades sexuais e de gênero, pois assinala a existência de projetos inclusivos que se constituem no tensionamento permanente entre uma ruptura inicial e uma assimilação do modelo religioso hegemônico.

Palavras-chave: igreja inclusiva; sexualidade e gênero; análise do discurso.

1 Doutor em Humanidades, Culturas e Artes, Mestre em Letras e Ciências Humanas e graduado em Letras, História e Teologia. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural (CTUR/UFRRJ). E-mail: diler_costa@yahoo.com.br.

ABSTRACT

This paper analyzes reviews on the official Facebook page of the Igreja Cristã Contemporânea (ICC), an evangelical denomination known as an inclusive church for including sexual and gender diversity within Christianity. The reviews are studied as discursive materialities in which a struggle over the legitimacy of the ICC can be observed. Based on Material Discourse Analysis and in dialogue with Queer Studies, this research investigates the production of discourses about the ICC through the identification of discursive formations in tension and the saturation of discourse determinants in lexical items referring to the church. The analysis discusses positions that: a) sustain traditional religious models by disqualifying the ICC; b) defend the legitimacy of the ICC while silencing issues related to sexual and gender diversity; and c) challenge cisheteropatriarchal hegemony by legitimizing the inclusion of LGBT+ subjects within evangelical Christianity. The study highlights the tension surrounding the discursive determinant “inclusive” and contributes to debates on Christian religions and sexual and gender diversity by revealing inclusive projects constituted through a permanent tension between rupture and assimilation.

Keywords: inclusive church; sexuality and gender; discourse analysis.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre temáticas consideradas sensíveis, como religião, sexualidade, gênero, posicionamento político, entre outras, parecem estar marcadas por veredas binárias que produzem efeitos de exclusão mútua entre perspectivas diferentes. No entanto, ao observarmos a tensão entre pontos contraditórios, entendemos que podem coexistir, em uma mesma proposta, a tentativa de desestabilizar a rigidez de um modelo hegemônico e, ao mesmo tempo, o anseio por assimilar práticas tradicionais para a validação do próprio grupo. Este parece ser o caso da Igreja Cristã Contemporânea (ICC): ao ser referida como uma igreja evangélica “inclusiva”, ela não apenas desafia a ideologia cisheteropatriarcal que historicamente sustenta essa religião, mas se volta à validação de identidades não heterossexuais e/ou não binárias no seio do cristianismo evangélico. A ICC se inscreve, portanto, em um lugar de disputas e de assimilações.

Para conduzir um estudo das avaliações acerca da ICC no Facebook, fundamentamos-nos na Análise do Discurso Materialista (Pêcheux, 2014; 2015a; 2015b; Orlandi, 2009; 2013;

2015), estabelecendo diálogos com os Estudos Queer (Althaus-Reid, 2000; 2008a; 2008b; 2019; Musskopf, 2004; 2012; Butler, 2019; 2021; 2022). Este trabalho investiga a produção de discursos sobre a ICC por meio da identificação das formações discursivas em tensionamento e da saturação de determinantes discursivos em itens lexicais referentes à igreja. A partir da análise, discutimos os posicionamentos que: a) sustentam modelos religiosos tradicionais ao desqualificar a ICC; b) defendem a legitimidade da ICC, mas silenciam questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero; e c) desafiam a hegemonia cisheteropatriarcal ao legitimar a inclusão de sujeitos LGBTQ+ no cristianismo evangélico. Esta investigação, portanto, evidencia a tensão em torno do determinante discursivo “inclusiva”.

Os resultados desta investigação podem contribuir para fortalecer os debates acerca das religiões cristãs no que concerne às diversidades sexuais e de gênero, pois evidencia a existência de projetos inclusivos que se constituem no tensionamento permanente entre uma ruptura inicial e uma assimilação do modelo religioso hegemônico. Esse batimento sinaliza que, ao se assimilar um discurso, abre-se espaço para que um sentido derive para outro, explicitando a instabilidade e a incompletude do dizer. Pêcheux e Gadet (2015) advertem que a reprodução não significa exatamente repetição, o que nos ajuda a entender, neste trabalho, a assimilação como uma atividade contraditória que busca reproduzir uma matriz de sentidos evangélica, fazendo derivar, sobretudo, ideias reducionistas acerca da sexualidade e do gênero.

2 REFLEXÕES OPORTUNAS SOBRE A NORMA E O DESVIO: SEXUALIDADE, GÊNERO E IGREJAS INCLUSIVAS

Pensar a emergência de igrejas inclusivas é um convite à reflexão sobre as tensões históricas entre a diversidade sexual e de gênero e o cristianismo – com grande destaque para as comunidades de fé evangélicas, que configuram o segmento religioso expressivo no Brasil. Nesta seção, articulamos algumas noções que permeiam todo este estudo, iniciando com a sexualidade, pois esta é, ainda hoje, sensível em grupos religiosos cristãos.

Ao fazer um recuo na história, Borrillo (2010, p. 48) comenta a eficácia da aliança político-religiosa entre o cristianismo e o Império Romano quanto à “repressão das relações entre pessoas do mesmo sexo”, fazendo dessa prática um crime passível de morte no século IV. Com a ascensão do cristianismo ao poder político, o legado cristão foi determinante para a defesa da monogamia, o controle patriarcal, o estabelecimento da divisão sexual do trabalho, por exemplo, ao longo da história ocidental.

No século XX, os estudos sobre a sexualidade fizeram emergir reflexões que se afastaram daquilo que Vaggione (2022) chamou de monopólio das religiões, da medicina e da psicologia. Para o autor (Vaggione, 2022, p. 834), “abandonando as explicações fisiológicas, médicas e/ou psicológicas, as Ciências Sociais e Humanas possibilitaram uma abordagem ‘construtivista’ que diversificou as dimensões que, para além de definir, constituem o sexual”. Diferentes olhares sobre a sexualidade buscavam romper com a visão biológica que defendia a heterossexualidade como uma manifestação natural, assim como interrogavam compreensões que tratavam os desvios da sexualidade normativa como uma doença mental.

Crawford e Zamboni (2005), por exemplo, apontam a existência de diferentes estudos que se debruçaram sobre o que seria uma “etiologia” da orientação homossexual (e, por extensão, da diversidade sexual), produzindo algumas explicações à luz de teorias ambientais, genéticas e neuroanatômicas. Contudo, as ciências biomédicas e/ou as ciências comportamentais não contemplam a urdidura complexa que constitui a sexualidade.

À luz dos Estudos Queer, entendemos a sexualidade como “uma realidade fluida, complexa e múltipla, e não uma realidade dada” (Musskopf, 2004, p. 185) supostamente dividida em categorias opositivas, como homossexualidade e heterossexualidade (Cheng, 2011; Althaus-Reid, 2008a; 2008b). Em vez de fixar as identidades sexuais em categorias estanques, busca-se conhecê-las em seus movimentos, rupturas e transformações. Em consonância com a reflexão de Cheng (2011) e de Althaus-Reid (2008a; 2008b), entendemos que as associações entre sexo biológico e os padrões de comportamento atribuídos são, com efeito, determinações socialmente pactuadas e sempre sujeitas à reformulação no curso da história.

Salzman e Lawler (2012, p. 298, grifo dos autores), por uma perspectiva antropológico-teológica, explicam que “[...] em sua conotação científica e moderna, a homossexualidade é um modo de *ser* antes de ser um modo de *se comportar*”. Embora os autores avancem na discussão e pontuem a existência de uma condição psicosssexual, chamamos a atenção para dois efeitos de sentido depreendidos dessa citação: a) o efeito de primazia essencialista, na medida em que defendem que uma característica “natural” (a de *ser*) se sobreporia a uma realidade “sociocultural” (a de *se comportar*); e b) o efeito de sequencialidade, pois o comportamento seria determinado por uma dimensão essencialista. Todavia, as possibilidades de “*ser*” e de “*se comportar*” só são possíveis à luz da história.

A diferenciação proposta acima, de cunho essencialista, abre caminhos à reflexão sobre outra noção importante: a de gênero, tomada como um universo de possibilidades que permitem que um sujeito se (des)construa à medida que experimenta a própria

existência, mas nunca isento do debate com as normas sociais e as tensões sustentadas por um discurso cultural (Butler, 2021). A materialidade do corpo só pode ser apr(e)endida quando compreendemos a sua inscrição nesse universo de tensões e de discursos, os quais delimitam e determinam o que o sujeito pode expressar. Butler (2022, p. 14) explica que “[...] a possibilidade de minha persistência como um ‘eu’ depende de minha capacidade de fazer algo com o que é feito a mim”, o que acentua que as determinações nos ensinam a performar determinados comportamentos como se estes fossem naturais, consistentes e imutáveis.

O gênero, ao ser concebido em descolamento de uma facticidade biológica (Butler, 2021), emerge “como *um estilo corporal*, um ‘ato’, que é intencional e performático, em que ‘performático’ tem ao mesmo tempo uma carga ‘dramática’ e outra ‘não referencial’” (Butler, 2019, p. 216, grifo da autora). O gênero, portanto, constitui-se pela assimilação de certos padrões em um horizonte histórico-social. Althaus-Reid (2008b, p. 60) acrescenta que “[...] os papéis que definem a feminilidade e a masculinidade dependem de um intercâmbio entre as culturas, as classes sociais, as etnias e, em última instância, do período histórico em que se vive”. Logo, o gênero não se reduz a um binarismo definido por um órgão sexual (Cheng, 2011) e não é homogêneo em todos os sujeitos.

Nesse movimento complexo, o “ser” e o “se comportar” não são instâncias naturais e sequenciais, mas inter-relacionadas por serem, ao mesmo tempo, ideológicas, históricas e culturais. O cristianismo hegemônico pressupõe uma sexualidade fixa e imutável, em que o masculino é complementado pelo feminino, o que tem sido posto sob suspeita pelas igrejas inclusivas. Na ótica cristã evangélica, o gênero seria uma expressão imediata e natural do sexo biológico. Contudo, essa mesma religião apresentou, ao longo da história, a capacidade de se transformar à medida que o mundo se modificou. As igrejas inclusivas são um exemplo dessa adaptabilidade (Natividade; Oliveira, 2013).

Apesar de constituírem um grupo muito diversificado e até mesmo contraditório, as igrejas evangélicas possuem muitos pontos de aproximação: elas defendem a confissão em Jesus Cristo como único Salvador, apoiam-se na autoridade da Bíblia, acreditam na imortalidade do espírito, bem como sustentam majoritariamente a noção de heterossexualidade como a expressão autêntica da sexualidade humana (Althaus-Reid, 2008a; Cheng, 2011; Salzman; Lawler, 2012; Lima, 2021). É nesse ponto que reside uma forte tensão entre as igrejas inclusivas e as demais igrejas evangélicas².

2 Outras comunidades de fé de orientação cristã também se opõem à diversidade sexual e de gênero, como o Catolicismo Romano, as Testemunhas de Jeová, os Santos dos Últimos Dias, por exemplo.

Ao falarmos de igrejas inclusivas, um nome bastante conhecido é o da Igreja da Comunidade Metropolitana³ (ICM), que se autodenomina como a primeira igreja evangélica a reconhecer a diversidade sexual e de gênero. A denominação foi fundada nos Estados Unidos, em 1968 (Natividade, 2010; Natividade; Oliveira, 2013), pelo Reverendo Troy Perry, buscando reformar o cristianismo evangélico ao interrogar o ideal de uma sexualidade fixa, heterossexual e natural. É importante salientar, no entanto, que apesar de a ICM ser referida como um marco da proposta inclusiva, iniciativas, não necessariamente ligadas a essa igreja, também ocorreram em outros países, como na Argentina, no Chile e no Brasil (Musskopf, 2012), na segunda metade do século XX⁴.

A Igreja Cristã Contemporânea (ICC), por sua vez, foi fundada no Rio de Janeiro, em 2006, a partir da desvinculação da ICM (Natividade, 2010). Atualmente, a ICC está presente em quatro estados brasileiros (RJ, SP, MG e BA), com maior número de templos no estado do Rio de Janeiro. Para enriquecer a discussão, consultamos o site da ICC com o objetivo de compreender como o grupo se autodesigna, o que contribuirá para a apresentação da análise mais adiante. Segundo a página do grupo⁵,

[...]a Igreja Cristã Contemporânea não é mais uma igreja, mas a representação do amor incondicional de Deus por um povo que sofria a dor da exclusão. Desta forma, na contramão de um cenário opressor e um sistema religioso muitas vezes intolerante e alheio às necessidades das minorias (sempre acolhidas pelo Senhor Jesus) o Espírito Santo ergueu a Igreja Cristã Contemporânea como uma resposta a tantos séculos de preconceito.(IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA, online).

A ICC se define pela negação – “por não ser mais uma igreja” – e não recorre à utilização da designação inclusiva que a diferenciava de outras denominações. O fato de não se definir como uma igreja produz dois efeitos de sentido: a) o de transcender a pertença inicialmente almejada ao cristianismo evangélico, o que não é aprofundado na autoapresentação; e b) o de contradição no discurso, pois, apesar de ser “a representação do amor incondicional de Deus”, ainda precisa se manter, em termos formais, como uma entidade religiosa, carregando em seu nome e na classificação de atividade a ideia de igreja.

3 Esta informação consta no site oficial da Igreja da Comunidade Metropolitana. Disponível em: <https://www.mccchurch.org/overview/history-of-mcc/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

4 No Brasil, especificamente, Natividade (2010) e Natividade e Oliveira (2013) apresentam algumas iniciativas ocorridas nas décadas de 1990 e 2000, como o grupo ativista Corsa, o Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP e o grupo Convivência Cristã.

5 C.f. site da Igreja Cristã Contemporânea. Disponível em: <https://www.igrejacontemporanea.com.br/sobre>. Acesso em: 02 fev. 2023.

Observamos que o projeto vigente de acolher “um povo que sofria a dor da exclusão” também apaga quaisquer referências aos sujeitos LGBTQ+, que, tradicionalmente, foram (e ainda são) a base dessa igreja (Natividade, 2010). Apenas na aba chamada de “Valores” há o tópico *Não aceitação de pessoas*, com a ressalva de que a ICC confere especial atenção aos dissidentes da norma heterossexual, mas que é uma igreja pautada na inclusão de todos os sujeitos, ou seja, sem discriminações.

Ao sinalizar que o projeto da ICC se volta aos excluídos, identificamos outros espaços vazios que reclamam por sentidos: quem seriam esses excluídos? Por que e por quem são excluídos? Quais seriam as suas necessidades? Qual a relação entre exclusão e cristianismo? O apagamento observado nos compele a reconhecer o exterior do linguístico e a inscrição da história no discurso (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015), remetendo à memória sobre a tensão entre os dissidentes da norma cisheteropatriarcal e as igrejas evangélicas.

Como antecipado, as igrejas inclusivas defendem que a diversidade sexual e de gênero são constitutivas do sujeito e, portanto, conciliáveis com o cristianismo evangélico. No entanto, Musskopf (2012) afiança que, apesar de existirem referências a essas comunidades de fé como igrejas *gays*, é importante problematizar esse entendimento, porquanto,

[...]em muitos casos pode-se falar de uma igreja *para* pessoas GLBT, que surgem e se organizam justamente por estas pessoas não poderem viver sua religiosidade nas igrejas tradicionalmente constituídas. Outras preferem definir-se como organizações “inclusivas”, no sentido de que estão abertas a todas as pessoas, especialmente àquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços (Musskopf, 2012, p. 239).

A diferenciação entre igreja *gay* e igreja *para gay*, como feita acima, inscreve a problemática que a proposta inclusiva instaura no protestantismo. Como Barrozo (2019) comenta, em outras religiões, a relação de convívio entre a membresia não está pautada em nenhuma orientação sexual; logo, heterossexuais e LGBTQ+ compartilham do mesmo espaço e profissão de fé sem a necessidade de uma ruptura baseada na dissidência da norma heterossexual.

Barrozo (2019) e Berkenbrock (2019) consideram as comunidades inclusivas como igrejas de segmento, isto é, grupos religiosos que se especializam no atendimento a um público específico. Musskopf (2012) e Barrozo (2019) sustentam que, nessas igrejas, também existem espaços para sujeitos não LGBTQ+, pois o que caracteriza o grupo é a perspectiva de que o Evangelho é democrático. No entanto, os autores também reconhecem que a membresia das igrejas inclusivas é composta predominantemente de sujeitos não heterossexuais, o que reafirma a exclusão das diversidades da maioria das igrejas cristãs.

Destacamos que as igrejas inclusivas não podem ser consideradas como uma massa uniforme, o que iria de encontro à adaptabilidade estruturante do cristianismo evangélico. Barrozo (2019, p. 91-92, grifo do autor) assevera que

[...] o discurso religioso cristão inclusivo tem sido apropriado e reapropriado de diversas formas e por grupos variados nos últimos anos no Brasil provocando uma proliferação destes, bem como também a criação de novos tipos. Um desses casos é o aparecimento das igrejas inclusivas *pentecostais*. Pouco tempo depois da fundação das primeiras igrejas inclusivas no Brasil, ocorre um processo de rupturas e diversificação interna.

Contudo, as comunidades de fé inclusivas configuram um movimento de dissidência em escala atômica, pois tensionam justamente um dos pontos de coesão entre muitas igrejas evangélicas, contrariando uma homogeneidade lógica (Pêcheux, 2015a): a oposição a uma pseudonatureza binária e heterossexual do sujeito. Acrescentamos que o movimento inclusivo refuta gestos de leitura da Bíblia que, supostamente, condenam as práticas não heterossexuais (Cheng, 2011). Sobre isso, Lima (2021, p. 15) faz a seguinte consideração:

[...] no mundo religioso cristão, muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia ou simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e forte ímpeto condenatório dirigido aos LGBTQIA+. Algumas vezes, elas e eles são considerados endemoninhados a serem exorcizados, ou são submetidos a oração de “cura e libertação” para mudarem sua condição ou identidade.

As reflexões postas sinalizam o preconceito e a violência a que são submetidos os sujeitos LGBT+ quando consideram aderir a uma comunidade de fé cristã. Ao mencionar o *mundo religioso cristão*, o pesquisador reforça que essas diversidades ainda não são reconhecidas por uma grande parcela do cristianismo. Além disso, as aspas presentes na citação nos remetem às dimensões patologizantes (do que requer cura) e opressoras (do que requer libertação) observáveis em muitos discursos cristãos.

As interpretações sobre a sexualidade e o gênero nas igrejas evangélicas desconsideram as condições em que os textos bíblicos foram produzidos e organizados, as quais, à época, partiam do pressuposto de que o sujeito teria um único e imutável papel sexual (Cheng, 2011; Salzman; Lawler, 2012). Althaus-Reid (2008a, p. 97), ao criticar essa compreensão, argumenta que “[...] as escrituras pretendem identidades sólidas e homogeneidade, quando

na realidade estão fundadas em terremotos. Os pilares da identidade sexual, em pântanos movediços”. Os gestos de leituras dos textos sagrados, por uma perspectiva queer, passam pela experiência do sujeito com o corpo, o gênero e a sexualidade (Althaus-Reid, 2019; Cheng, 2011). Nessa toada, a emergência de igrejas inclusivas busca responder à demanda social que refuta os estigmas que atingem sujeitos LGBTQ+ quanto à fé cristã.

A seguir, para compreender melhor as tensões entre a diversidade sexual e de gênero e o cristianismo evangélico, materializadas nas avaliações sobre a ICC, mobilizamos algumas noções teóricas, fundamentais à análise que conduzimos, como as de formações discursivas e determinantes discursivos.

3 POR ENTRE AS TRAMAS DO DISCURSO: FORMAÇÕES DISCURSIVAS E DETERMINANTES DISCURSIVOS

A Análise do Discurso (AD) à qual nos filiamos opera com a tríade língua, história e ideologia (Pêcheux, 2014; 2015a; 2015b), permitindo-nos compreender as tensões que resultam em rupturas e assimilações, observáveis na proposta inclusiva da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Nesta seção, focalizamos duas noções fundamentais para a análise do *corpus* produzido: as formações discursivas e os determinantes discursivos.

Um dos pontos centrais da AD está no entendimento de que o sentido não é transparente, unívoco ou a-histórico (Orlandi, 2009; 2013; 2015), visto que ele se divide, transforma-se e até mesmo desaparece. Logo, pensar a sexualidade, o gênero e o cristianismo evangélico por uma perspectiva discursiva evidencia que esses signos linguísticos produzem sentidos em dispersão, configurando-se como unidades divididas. Os efeitos de sentido dependem de como, de onde, de quando emergem e de quem os enuncia, o que lhes põe sob uma tensão constante, dependendo sempre das posições ocupadas no dizer.

Para significar, os sujeitos precisam se assujeitar a uma ideologia e passar a (cor) responder à determinação imposta por ela sob uma forma ilusória e inconsciente de liberdade. Ao colocar sob escrutínio a língua, a historicidade do sentido e a ideologia, a AD se firma como uma disciplina de interpretação (Orlandi, 2013; 2015; Indursky, 2013; Pêcheux, 2015b), legatária da linguística, do marxismo e da psicanálise (Indursky, 2013; Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015). A AD questiona a naturalização dos sentidos, pois os discursos não são transparentes. Os efeitos de sentido ocorrem quando os sujeitos se identificam com uma posição em uma conjuntura sócio-histórica. Segundo os pressupostos da AD, sentido e sujeito se constituem mutuamente (Orlandi, 2015).

Por meio do assujeitamento ideológico, os sujeitos são inscritos em formações discursivas (FD), que funcionam como as matrizes de sentido que estruturam e fazem circular o dizer. Elas determinam “o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014, p. 147) diante das situações com as quais cada sujeito se depara. São as FDs que possibilitam a emergência do dizer, produzindo um efeito de coerência e de pertencimento. Elas espelham, no sujeito, os sentidos que histórica e ideologicamente as constituem. Como antecipado, os discursos circulam, transformam-se, o que também lhes permite entrar em aliança ou em atrito com outras FDs (Indursky, 2013). Para Pêcheux (2014, p. 146), “[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)”, já que “as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (Pêcheux, 2014, p. 147). Diante da consideração do filósofo, entendemos que os sentidos são (re)produzidos, no movimento da língua(gem), pela FD.

Todavia, é importante frisar que uma FD não funciona como uma máquina fechada sobre si mesma (Pêcheux, 2014). Embora exista certa estabilidade naquilo que pode e (não) deve ser dito, há também pontos de fricção, os quais emergem do contato com outras FDs, pois elas são porosas (Indursky, 2013). Os atravessamentos que movimentam as FDs conferem um constante trabalho de fechamento, de coerência, de pertencimento, sem alcançar, no entanto, a completude do dizer. Uma FD também está aberta à contradição e, consequentemente, à recalibração dos discursos que produz por meio de marcas enunciativas que lhes conferem um caráter material (Pêcheux, 2014; 2015b).

Nesse movimento, as matrizes de sentido buscam estabilizar os discursos para fazê-los condizentes com a ideologia que as sustenta. Um dos recursos para essa tentativa de estabilidade está na mobilização de determinantes discursivos, que possibilitam a saturação do sentido diante do uso de recursos linguísticos, como sintagmas preposicionais, orações adjetivas e adjetivos. Todavia, essa determinação não se reduz à mera observação dos elementos da língua, mas os considera sempre em relação à exterioridade do discurso. Em outros termos, “a determinação discursiva de um nome consiste em saturar-lhe a significação para qualificá-la a integrar sequências discursivas afetadas por determinadas formações discursivas” (Indursky, 2013, p. 215, grifo da autora).

A determinação discursiva se define pela capacidade de conceder a um objeto descrições para especificá-lo, relacioná-lo a outros semelhantes e lhe atribuir qualificações. Saturar implica a tentativa de especificar, delimitar e diferenciar um elemento para que ele se coadune ao posicionamento ideológico de uma FD. Logo, o efeito de sentido quanto a um objeto só pode ser produzido quando este é tomado em relação a algo, ou seja, nunca

de forma descontextualizada. Como dito, o dizer é marcado por uma incompletude constitutiva; assim sendo, a determinação discursiva é a busca por uma estabilidade coerente em uma FD, mas que está sempre aberta à falha, à contradição e à transformação.

Na próxima seção, a partir da determinação discursiva que satura os itens lexicais relacionados à ICC, materializados nas avaliações sobre a igreja, identificaremos as formações discursivas, bem como analisaremos os efeitos de sentido que emergem quanto à proposta inclusiva do grupo.

4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS: DISPUTAS DE SENTIDO SOBRE A LEGITIMIDADE E O PROJETO INCLUSIVO DA ICC

Nesta seção, voltamo-nos às avaliações publicadas na página oficial do Facebook da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), por meio da identificação das formações discursivas em tensionamento e da saturação de determinantes discursivos em itens lexicais referentes à igreja. É importante destacar que os sujeitos respondentes emitem suas opiniões sobre ICC por iniciativa própria, não havendo demanda institucional para a participação. Além disso, as avaliações foram reproduzidas integralmente, ou seja, sem alterações nos textos publicados.

Na seção de avaliação, deparamo-nos com a pergunta “Você recomenda a página Igreja Contemporânea?”. Após responder “Sim” ou “Não”, o usuário tem a possibilidade de acrescentar um comentário, o qual foi tomado como materialidade discursiva. Para fins desta análise, além de excluirmos as postagens que não estavam relacionadas à ICC, desconsideramos aquelas que não continham um comentário, resultando num *corpus* com 153 textualidades, chamadas de Sequências Discursivas (SDs).

A escolha pelo estudo da seção se deve ao fato de ela reunir diferentes posicionamentos, de várias partes do país, e apresentar uma visão da ICC como um todo e não sobre um templo específico. A análise se ancorou em três questões: a) Por meio de quais regularidades podemos delinear as FDs que produzem os discursos sobre a ICC?; b) Observando a saturação de itens lexicais, como os determinantes discursivos produzem um efeito de coerência para (in) validação da igreja?; e c) Quais efeitos de sentido podem ser depreendidos pela observação dos determinantes discursivos? O presente estudo identificou três FDs, nomeando-as de FD excludente, FD assimilatória e FD inclusiva.

A primeira FD analisada foi designada por excludente (FDE) ao produzir discursos que se apoiam em categorias binárias, como verdadeiro vs. falso, sagrado vs. profano (Cheng, 2011).

Segundo Althaus-Reid (2008b), veredas binárias tendem a reproduzir um pensamento heterossexual que não explica a vida em sua complexidade. Em termos discursivos, trata-se de ignorar as contradições que estruturam o discurso, ancorando-se em uma ideia ilusória de completude e de controle absoluto do dizer. Observemos o Quadro 1:

Quadro 1 – (FD excludente) - Sequências Discursivas; Item lexical e Determinantes discursivos.

SD	Item lexical	DDs (publicações)
01	0	Porque é Profano . cada um dará conta das suas obras sejam elas boas e más...
02		totalmente errada e incoerente .
03		Antibíblica, herege e manipula a Palavra. Não recomendaria pra ninguém.
04	Igreja / Seita	Igreja da besta . Seita do anticristo . Apenas para pessoas que buscam uma religião que se adapte as suas buscas desenfreadas por prazeres carnaís ao invés de Deus e da verdade.
05	Seita	Seita da besta, distante do evangelho e da igreja de Cristo.
06	Lugar	Lugar de heresia .. Pregam totalmente o contrário das escrituras.
07	Ninho	A ofensa bíblica aqui é tão forte que seria até tranquilo, chamar isso de HERESIA. Simplesmente um ninho mundano que procura afastar todos os que derem de Cristo e levar os mesmos a passos LARGOS para o inferno!

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora o número de avaliações oriundas da FDE seja menor do que nas outras matrizes de sentido, há alguns pontos que reclamam a atenção. Destacamos, inicialmente, alguns apagamentos de itens lexicais referentes à ICC, cuja falta produz o efeito de exclusão do grupo de um grande e diversificado conjunto de igrejas evangélicas, significando-a como algo inominável, abjeto e ofensivo; isto é, que não pode nem ao menos ser definido como igreja.

Além disso, para negar a legitimidade do grupo, a FDE o significa pelo emprego reiterado de termos bíblicos que se opõem ao legado cristão. Nessa matriz de sentido, a validade

de uma igreja depende da (re)produção de uma leitura bíblica autorizada, corroborando o entendimento de que “não é novidade que a interpretação bíblica tem sido uma das questões centrais nas posições excludentes da grande maioria das igrejas e também no senso comum com relação à homossexualidade” (Musskopf, 2004, p. 190). O efeito de coerência se apoia no que a Bíblia determinaria como sexualidade e gênero.

A invalidação da proposta inclusiva defendida pela ICC pode ser observada tanto por meio dos determinantes discursivos, todos de cunho negativo, quanto a partir de dois itens lexicais utilizados em referência ao grupo, como “seita” e “ninho”. Enquanto seita produz o sentido de divisão ilegítima, ninho aponta para um grupo que se autoprotege, mas cuja exposição revelaria eventuais fragilidades. A FDE se opõe diametralmente a uma perspectiva queer, na qual emerge a possibilidade de leituras da “Bíblia de maneiras criativas e construtivas como um meio de afirmar a experiência LGBT” (Cheng, 2011, p. 12).

Na FDE, nenhuma das avaliações toca explicitamente na questão da diversidade sexual e de gênero, deixando-a subentendida e apontando para um efeito de evidência de algo que não precisaria ser enunciado. Os discursos dessa matriz de sentido se ancoram nos já-ditos (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015) que afirmam a incompatibilidade entre LGBT+ e evangélicos, sustentada por “ideias de condenação, pecaminosidade intrínseca [que] estariam expressas nos textos bíblicos geralmente abordados para discutirem o tema”. Esse posicionamento faz da diversidade sexual e de gênero uma prática abominável e/ou antinatural (Cheng, 2011; Musskopf, 2012; Barrozo, 2019).

As interpretações bíblicas cristalizadas pela tradição (Cheng, 2011) e presentes na FDE são, com efeito, “posições bíblicas que simplesmente ignoravam o mais elementar dos mecanismos de reprodução” (Althaus-Reid, 2008b, p. 60), sustentadas à revelia da história e dos saberes contemporâneos. A FDE busca um fechamento interno com base na ideia de completude das escrituras sagradas (Althaus-Reid, 2000; 2008a; 2019), refutando discursos que a desestabilizam. Logo, não há espaço para a deriva de sentidos. Sobre os efeitos de sentido depreendidos, observemos o Quadro 2:

Quadro 2 – Determinantes Discursivos; Efeitos de sentido.

Determinantes Discursivos	Efeito de sentido
Profano; mundano	Desqualificação religiosa
Errada; incoerente; não séria	Desqualificação moral
Antibíblica; herege; da besta; do anticristo; de heresia	Desqualificação institucional

Fonte: elaborado pelo autor.

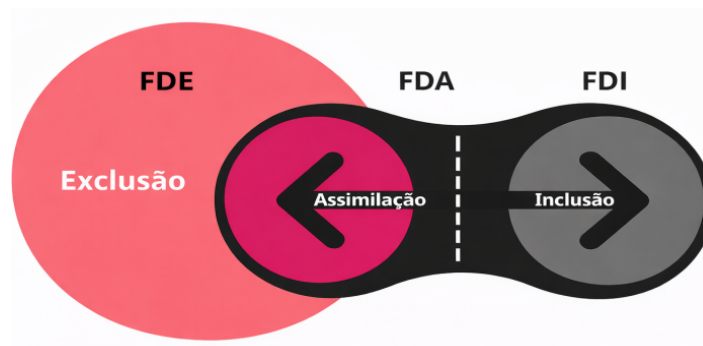
Os efeitos de sentido que desqualificam a proposta inclusiva da ICC se estruturam em três camadas: religiosa, moral e institucional. A primeira, como vimos, trata a inclusão como o desvio de uma norma bíblica que entende os textos bíblicos como inquestionáveis e sempre atuais. Não se considera que as passagens que supostamente condenam o que hoje chamamos de homoafetividade tenham sido escritas para outro contexto sócio-histórico-cultural (Althaus-Reid, 2008b; Cheng, 2011; Lima, 2021).

A camada moral, apesar de ser mais explícita na SD 04, faz ressoar sentidos que, historicamente, tratam as sexualidades dissidentes como imorais e antinaturais. Não há a consideração de que as relações humanas são complexas e envolvem, entre diversas coisas, afetos e projetos de vida. Cunha (2021) acrescenta que a homossexualidade, muitas vezes, foi vista como um negativo da masculinidade, circulando no imaginário social como uma antítese indesejada do homem. Atualmente, porém, ela borra as fronteiras identitárias, revelando, com efeito, que a própria masculinidade é uma construção histórica. Os sujeitos e os sentidos são historicamente determinados (Pêcheux, 2014; 2015a; 2015b).

A terceira camada contrária à ICC e à inclusão de LGBT+ está na desqualificação institucional. Na FDE, a igreja é, inicialmente, não designada (o apagamento) para então ser significada como uma anti-igreja (a rejeição). Tal efeito aponta para os preconceitos amplamente conhecidos contra os sujeitos não heterossexuais e/ou não binários, baseados na leitura legalista da Bíblia. Ao longo da história, várias questões sociais que antes se pautavam nas Escrituras foram ressignificadas à luz da cultura da época. Um exemplo está no fato de que “[...] a leitura tradicional do Gênesis fez da superioridade e do domínio sobre a mulher e a natureza uma virtude teológica” (Althaus-Reid, 2019, p. 25), o que é hoje refutado.

Em oposição frontal à FDE, temos as FDs assimilatória (FDA) e inclusiva (FDI). Com efeito, entendemos que a FDA emerge de uma contradição interna no discurso da FDI, apontando para uma tensão basilar no que concerne à diversidade sexual e de gênero: a FDA apaga esse ponto ao focalizar os aspectos espirituais da vida religiosa, ao passo que a FDI faz da luta contra o preconceito o seu mote principal. A seguir, consta um esquema que objetiva explicitar a compreensão a ser discutida mais à frente:

Figura 1 – Formações discursivas.



Fonte: elaborada pelo autor.

Dada a contradição identificada entre as duas FDs, vamos analisá-las em uma mesma seção, sublinhando os pontos fronteiros e os que se apresentam como uma contradição.

As FDA e FDI possuem algumas semelhanças: as duas mobilizam determinantes discursivos com vistas a validar a ICC enquanto uma comunidade de fé tão legítima “como qualquer outra igreja evangélica”. Há uma saturação recorrente nos itens lexicais com termos característicos do discurso evangélico, sobretudo na FDA, produzindo um efeito de coerência interna. Os determinantes discursivos visam “[...] garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreponem” (Ernst-Pereira, 2009, p. 04); ou seja, refutam o posicionamento desqualificador da FDE. Tanto na FDA quanto na FDI, predominam efeitos de conformidade e de coerência entre a ICC e as demais comunidades de fé. Todavia, na FDA, faltam referências a sujeitos excluídos e/ou ao projeto da ICC; por outro lado, esse parece ser o ponto de sustentação da FDI.

No Quadro 3, dispomos as sequências discursivas (SDs), as formações discursivas (FDs) que as originam, os itens lexicais saturados e as publicações com os determinantes discursivos (DDs) para ampliarmos a reflexão. Observamos que os mesmos itens lexicais são saturados de formas diferentes, dependendo da matriz de sentido (FDA ou FDI).

Quadro 3 – Sequências Discursivas; Formações Discursivas; Item lexical e Determinantes discursivos.

SD	FD	Item lexical	DDs (publicações)
08	FDA	Lugar	Lugar de busca e de adoração a Deus. Amo esta casa.
09	FDA		lugar de acolhimento, respeito e amor!
10	FDA		É um lugar de paz e de comunhão, lá verdadeiramente o Espírito Santo habita.
11	FDA		Um lugar de reconstrução, nela eu fui cuidado, curado e encontrei uma verdadeira família. Obrigada ICC.
12	FDA		Eu, wesley recomendo a Igreja Contemporânea ela e lugar Deus e respeito com as pessoas. muito grato!
13	FDA		Lugar abençoado e dirigido por Deus. Vá com muita vontade de conhecer Jesus e ter uma mudança de vida que a conquista é certa!
14	FDA		lugar de transformação, aonde podemos adorar a Deus em espírito e em verdade com a certeza que Deus nos ama e entregou seu filho Jesus por amor a cada um de nós.
15	FDA		Ótimo, super recomendo. Lugar de Deus! Pretendo voltar mais vezes!
16	FDA		Lugar de cura, restauração e hoje tenho como família!
17	FDA		lugar de transformação e bênçãos
18	FDA		Que Deus se faz presente !tenho certeza que encontrei o lugar certo pra mim congrega e sei que Deus fara maravilhas nesta casa de louvor e adoração!
19	FDA		Um lugar de amor e restaurações para você e sua familia
220	FDI		Um lugar sem preconceitos ou julgamentos. Este é o verdadeiro papel da igreja: acolher sem discriminações.
21	FDI		Bom dia um lugar de Paz e amor e respeito a qualquer ser humano. todos antes de fala qualquer coisa tire um tempo e vai assistir os culto que sao uma Maravilha. obrigado aos dirigentes dessa congregação que receber as pessoas com muito amor .

SD	FD	Item lexical	DDs (publicações)
22	FDA	Igreja	Uma maravilhosa igreja...já freqüentei e cada vez que entro naquela igreja me sinto renovado...
23	FDA		Já tive oportunidade de conhecer e amei é perfeita como uma igreja evangélica. Acho que vcs pastores tem que abrir uma aqui em Macaé no estado do Rio.
24	FDA		Primeira. Menti. Bom dia. Eu acho. Que uma igreja. Seria. Que leva a palavra. De Deus. E a igreja. Que. Prega. Que. Jesus. Salva,cura. E. Libertar. Essa sim e uma igreja seria.
25	FDI		“Eu não encontrei somente uma Igreja, encontrei Uma Grande Família..Que nos Une com o Amor de Jesus. Me dando cada vez mais a Certeza que seremos Salvos pela Nossa Fé. E nesta Abençoada Igreja eu vejo e sinto Que Nosso DEUS te aceita e a Igreja lhe Acolhe como Você é. Que Deus Abençoe Sempre Esta Maravilhosa Nação, Família CONTEMPORÂNEA !!!
26	FDI		Igreja Contemporânea é maravilhosa. O povo é alegre , dinâmico, nos recebe muito bm. Amo meus pastores e meus ministérios. Ha 3 anos cheguei na Contemporânea de Caxias e fui muito bm acolhida, tratada e hoje sou muito feliz em ter uma igreja, que me mostrou que Deus me ama e me aceita
27	FDA	Ambiente	Visitei com minha família dia 27/08/2017, Me senti maravilhada com a palavra e pregação do Pastor Fábio, estou passando por um momento muito difícil em minha vida e o que ele falou me deu forças para mudar muitas coisas em minha mente! O ambiente é super acolhedor! Agradeço a Deus pela experiência que passei e pela acolhida de todos! Chorei o culto inteiro e me senti lavada de toda a angustia e todo desespero que havia em meu coração! Deus abençoe a todos! Paz!!!
28	FDI	local	Quem sabe agora um local eclesiástico acolhedor aqueles que passaram toda uma vida de preconceito e perseguições pelas organizações religiosas. Poder um dia casar em uma igreja, isso é possível!!!

SD	FD	Item lexical	DDs (publicações)
29	FDA	Casa/lugar	Casa do Pai ! Acolhedora e responsável na proclamação do Evangelho !
30	FDA		É uma benção, o Senhor tem edificado muito minha vida e minha família através das bênçãos liberadas neste lugar, casa de oração, aonde habita a presença de Deus que cada dia mais venha crescer pra honra e glória do nome do Senhor e que mais pessoas possam ser tocadas e mais vidas resgatadas pra Deus, super recomendo
31	FDA		Casa de Deus onde eu posso adora-lo em Espírito e em Verdade. Lugar de recomeço, de bênçãos e de milagres. Cheguei na Contemporânea há 5 anos um caco, hoje posso dizer que sou vaso de honra. 1 Pedro 2: 10. vós que outrora nem éreis povo, e agora sois de Deus; vós que não tínheis alcançado misericórdia, e agora a tendes alcanç

Fonte: elaborado pelo autor.

Os itens lexicais, em linhas gerais, remetem-nos à noção de espaço, cuja referência incluiria a descrição física, a localização geográfica, a menção à distância, por exemplo; contudo, observamos efeitos de sentido que excluem quaisquer referências dessas ordens, mas que apontam para o bem-estar do sujeito e para o modo como a ICC pode participar, positivamente, de sua vida. Para sujeitos LGBT+, no entanto, a igreja só pode ser um espaço de amor radical se considerar a inclusão, superando as tensões relacionadas à sexualidade e ao gênero, assim como questões relacionadas à classe social, ao elo sanguíneo, à raça (Cheng, 2011).

Apesar de os itens lexicais receberem um padrão de saturação semelhante, observamos que, entre eles, há os mais genéricos (lugar/ambiente/local) e outros dois que produzem um efeito mais intimista, como igreja e casa – sendo o segundo utilizado apenas uma vez. Enunciar “igreja” sublinha uma tomada de posição discursiva de modo subversivo, em franca oposição a estruturas cisheteropatriarcais. Assume-se um pertencimento que, ao longo do tempo, foi negado aos sujeitos LGBT+, assim como a outros alienados da história (Althaus-Reid, 2019). O sentido hegemônico de igreja (compulsoriamente heterossexual e binário) é desestabilizado discursivamente por uma tomada de posição inclusiva.

Para os sujeitos dissidentes da norma cisheteropatriarcal, a inclusão na igreja também excede a subversão, pois concede um senso de pertencimento espiritual a sujeitos marginalizados devido à sexualidade e ao gênero. Como vimos, LGBT+ não foram somente impedidos de lerem e de interpretar os textos bíblicos, mas foram impedidos de participarem de comunidades de fé por terem suas identidades sexuais consideradas “doentes, pecaminosas, pervertidas”, como argumenta Musskopf (2004, p. 191). Encontrar um lar para quem, antes, vivia na penumbra pode devolver ao sujeito uma filiação espiritual que fora, por séculos, negada ou condicionada à mortificação de suas identidades sexuais.

Trata-se de reconhecer o direito a uma cidadania espiritual, compreendendo que a dissidência sexual e de gênero não são abomináveis. Althaus-Reid (2000; 2019) defende a necessidade da construção de um relacionamento com Deus que reconheça o corpo humano, suas potencialidades, não fixidez e desejos. Isso nos permite encontrar na estranheza das rupturas a oportunidade de desfiliação de uma formação discursiva pautada na heterossexualidade para caminhar rumo a uma discursividade que reconheça a experiência do sujeito consigo mesmo e com uma divindade plural.

O uso de “casa” produz um efeito de sentido que sinaliza a aprovação e a presença do divino na ICC, fazendo do espaço físico o território em que Ele pode fazer morada constante. Não se trata de um espaço de trânsito e/ou de impessoalidade, mas de aliança e de intimidade. Enquanto em outros itens lexicais os determinantes discursivos tendem a assinalar o que a divindade pode fazer na vida do sujeito (transformá-lo, curá-lo, acolhê-lo), o item lexical “casa” é saturado pela própria presença do divino e isso reforça a característica assimilatória da ICC enquanto uma igreja evangélica autêntica, semelhante às demais. Voltemos a atenção ao Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Formações discursivas; Determinantes Discursivos; Efeitos de sentido.

FD	DDs	Efeito de sentido
FDA, FDI	De paz; de ser feliz	Estado de espírito; realização pessoal
FDA, FDI	De respeito; de acolhimento	Reconhecimento social
FDA	De reconstrução; de recomeço; de transformação	Mudança de vida
FDA, FDI	De comunhão; de acolhimento	Relacionamento coletivo

FD	DDs	Efeito de sentido
FDA	De Deus; de adoração; Aonde podemos adorar a Deus em espírito e em verdade	Culto ao sagrado; experiência espiritual
FDA	Que leva a palavra; que prega que Jesus salva, cura e liberta.	Práticas religiosas de evangelização

Fonte: elaborado pelo autor.

Os efeitos de sentido produzem discursos coerentes ao articularem as dimensões pessoais, relacionais e espirituais, produzindo o efeito de pertencimento, que, para o sujeito LGBT+, só pode ser encontrado na proposta inclusiva da igreja. No entanto, observando mais detidamente a FDA, vemos que esta focaliza o fato de a ICC ser uma organização que assimila características e práticas religiosas legitimadas por outras denominações evangélicas, sendo, portanto, condizente com esse universo religioso diversificado. Nessa matriz de sentido, o efeito de coerência produzido se ancora no fato de a ICC proporcionar experiências cristãs autênticas, fazendo emergir um efeito de verdade a partir de manifestações espirituais.

Todavia, compreendemos que a falta de referências a sujeitos marginalizados, como os LGBT+, e o excesso de aspectos religiosos provocam um conflito interno quando se pensa na inclusão: seria a ICC mais uma denominação evangélica, sendo o termo “inclusiva” apenas acessório, ou seria uma igreja voltada à inclusão de minorias, conforme o projeto institucional? Para responder à pergunta, reafirmamos, com base no site oficial do grupo, que o fato de a ICC não explicitar quem seria o povo marginalizado nem qual a exclusão sofrida reforça uma tensão que parece derivar de uma inclusão para uma assimilação.

Na FDI, por sua vez, apesar de não ocorrerem referências diretas às minorias, há recorrentes menções que significam a ICC como uma igreja acolhedora, que oferece abrigo e amparo a quem está desassistido. Esse acolhimento sugere que o grupo é uma comunidade de fé voltada a quem não teria aceitação em outro espaço evangélico. Além disso, há determinações discursivas que se referem à igreja enquanto um lugar “sem preconceitos, sem julgamentos, sem discriminações, que aceita os sujeitos como são”, e voltada a pessoas “perseguidas por outros grupos religiosos”. A FDI produz um efeito de acolhimento sociopolítico, alinhando-se a discursos que reconhecem a diversidade existente, além de reforçar a defesa da ICC enquanto uma igreja autêntica.

As determinações discursivas identificadas na FDI aludem aos *slogans* da ICC, sendo enunciados pelos sujeitos como forma de legitimar seus discursos pela identificação com o grupo e pelo assujeitamento à proposta inclusiva. Há a referência de que as igrejas não

inclusivas não conseguem abarcar sujeitos sem julgá-los e discriminá-los e a ICC seria o espaço para a inserção daqueles que estavam marginalizados.

Em síntese, as FDA e FDI, apesar de semelhanças, bifurcam-se na construção de um espaço de validação de minorias. Na primeira, a ICC carrega as características de uma igreja (como qualquer outra), ao passo que, na segunda, a ICC se diferencia de outras denominações por ser um espaço sem preconceitos, onde a dissidência é celebrada e não discriminada. Todavia, quanto ao apagamento sobre a diversidade sexual e de gênero na FDI, é importante fazer uma ressalva: declarar-se participante de uma igreja reconhecidamente inclusiva tende a levar o sujeito a ter de se posicionar quanto à sua identidade sexual. Isso, para muitas pessoas, ainda pode ser um tabu, visto que vivemos em uma sociedade marcada pelo preconceito; logo, referir-se à ICC enquanto um espaço sem preconceitos e/ou discriminações, apagando, todavia, referências à comunidade LGBTQ+ pode ser também uma forma de autopreservação.

As três FDs apresentadas, excludente, assimilatória e inclusiva, produzem sentidos distintos quanto à ICC e ao projeto inclusivo que esta defende. Na FDE, os discursos sobre a ICC entram em rota de colisão com aqueles produzidos pelas outras FDs, tanto pela denominação não ser considerada como uma igreja quanto por ser um espaço que permite práticas contrárias à ideologia heterossexual. Nas FDA e FDI, por outro lado, a ICC é reconhecida enquanto uma igreja evangélica autêntica, mas há divergências quanto à proposta de ser uma comunidade voltada às minorias e aos LGBTQ+. Embora valorizado na FDI, o posicionamento político em prol da inclusão de sujeitos não heterossexuais e/ou não binários fica apagado na FDA em detrimento de aspectos espiritualizantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As igrejas inclusivas, como a Igreja Cristã Contemporânea, possibilitam que sujeitos LGBTQ+ encontrem um espaço para praticarem a fé dentro das concepções do cristianismo evangélico. Contudo, observamos que o projeto de inclusão defendido pela ICC, em particular, parece exceder as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, reconhecendo outros grupos também marginalizados.

A análise desta pesquisa apontou três formações discursivas: a FD excludente, que sustenta que a ICC não pode nem ser considerada uma verdadeira igreja ou, então, que seria uma anti-igreja por considerar que ela rompe com o ideal de moralidade sustentado

pelo cristianismo; a FD assimilatória, que valida a ICC enquanto mais uma igreja evangélica, portanto, autêntica, mas que apaga as marcas quanto à inclusão de sujeitos não heterossexuais e/ou não binários; e a FD inclusiva, que, assim como a FD assimilatória, reconhece a ICC enquanto igreja evangélica legítima, mas destaca o seu trabalho de inclusão por um viés mais sociopolítico.

Refletir acerca das igrejas inclusivas e de sua tensa relação com as demais igrejas evangélicas nos permite conhecer de forma mais profunda os movimentos de exclusão que desconsideram as minorias, em especial, os sujeitos LGBTQ+. Todavia, julgamos fundamental investigar aspectos que excedam a inclusão, voltando-nos a questões que se debrucem sobre a forma como as demandas da comunidade LGBTQ+ são consideradas ou não. Pensar em questões sobre o poliamor, a desigualdade de gênero, a posição da mulher, por exemplo, mostram-se urgentes quando consideramos uma igreja que se volta à defesa de sujeitos historicamente condenados, bem como toca em posicionamentos sociopolíticos sustentados pelo cristianismo ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.
- ALTHAUS-REID, Marcella. Yo soy la desintegración... In: EGGERT, Edla. (org.). **[Re]Leituras de Frida Kahlo**: por uma estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008a.
- ALTHAUS-REID, Marcella. Marx en un bar gay. La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 55-69, 2008b. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21772>. Acesso em: 7 jan. 2026.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Tradução de Fábio Martellozzo Mendes. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2019.
- BARROZO, Victor. Pentecostalismo inclusivo e modernidade: interpretações e interpelações das Igrejas Inclusivas Pentecostais no Brasil. **Sacrilegens, [S. l.]**, v. 16, n. 1, p. 80-103, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27154>. Acesso em: 29 set. 2025.
- BERKENBROCK, Volney. **O mundo religioso**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BORRILLO, Daniel. **História e crítica de um preconceito**. São Paulo: Autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 21 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2021.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Unesp, 2022.
- CHENG, Patrick. **Radical love**: an introduction to queer theology. New York: Church Publishing Incorporated, 2011.
- CRAWFORD, Isiaah.; ZAMBONI, Brian. D. Elementos para o debate sobre a homossexualidade: as ciências do comportamento e a igreja. In: JUNG, Patricia.; CORAY, Joseph. (org.). **Diversidade Sexual e Catolicismo**: para o desenvolvimento da teologia moral. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 247-282.
- CUNHA, Eduardo Leal. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. In: AMBRA, Pedro. **Cartografias da masculinidade**. 1. ed. São Paulo: Cult Editora, 2021.
- ERNST-PEREIRA, Aracy. **A falta, o excesso e o estranhamento**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso. UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

- IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA. 2025. **Sobre**. Disponível em: <https://www.igrejacontemporanea.com.br/sobre>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LIMA, Luís Corrêa. **Teologia e os LGBT+:** perspectiva histórica e desafios contemporâneos. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- MUSSKOPF, André. **Via(da)gens teológicas** - Itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- MUSSKOPF, André. Queer: teoria, hermenêutica e corporeidade. In: TRASFERETTI, José. **Teologia e sexualidade:** um ensaio contra a exclusão moral. Campinas, SP: Editora Átomo, 2004.
- NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, v. 30, n. 02, p. 90-121, 2010.
- NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais:** diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- ORLANDI, Eni. Espaço da violência: o sentido da delinquência. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 51, v.2, p. 219-234, 2009.
- ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico:** para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.*, 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1975 [2014].
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 7. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2015a.
- PÊCHEUX, Michel. **Leitura e memória:** projeto de pesquisa. In: ORLANDI, Eni. (org). *Análise de Discurso:* Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b, p. 141-150.
- PÊCHEUX, Michel.; GADET, Françoise. A língua inatingível. In: ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP; Pontes Editores, 2015 [1991], p. 93-105.
- SALZMAN, Todd.; LAWLER, Michael. **A pessoa sexual** – Por uma antropologia católica renovada. Tradução Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- VAGGIONE, Juan. Sexualidade. In: USARSKI, Frank.; TEIXEIRA, Alfredo.; PASSOS, José Décio. (orgs.). **Dicionário de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. p. 834-838.

(Recebido para publicação 23 de janeiro de 2026)

(Reapresentado em 17 de março de 2026)

(Aprovado para publicação em 10 de abril de 2026)

